

comunicação, jornalismo e  
espaço público na era digital

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 15 • 2015

CURTO, Diogo Ramada – *Para que serve a história?*. Lisboa: Tinta da China, 2013. ISBN 978-972-24-1524-8.

Na actualidade, as resenhas críticas usufruem, crescentemente, de um duplo estatuto. Por um lado, são instrumentos de pesquisa, análise e leitura de obras, mas, por outro, podem constituir objectos de estudo autónomos. Nesta resenha, pretende-se enquadrar e analisar a obra *Para que serve a História?*, de Diogo Ramada Curto, tendo em conta os contextos sociais, culturais, políticos e ideológicos que a motivaram, sem esquecer as repercussões que gerou (ou não), situando-a no âmbito do labor intelectual anterior do seu autor, comprovando o reforço da comparação e da interdisciplinaridade, defendidas em *As Múltiplas Faces da História* (2008). Importa descrever as principais directrizes do trabalho dado à estampa em 2013, avaliando a relevância dos conceitos de *Esfera Pública, Espaço Público e Opinião Pública* na obra em consideração.

Nos últimos anos, a reflexão historiográfica sobre a história tem sido alvo de uma atenção relevante por parte dos historiadores, com expressão directa e correspondência inequívoca a nível editorial, ainda que os estudos aludidos sejam pouco numerosos, se os compararmos com a cadência de publicação noutros domínios da história. A obra colectiva *Outros Olhares Sobre a História*, coordenada por Maria Manuel Tavares Ribeiro, foi dada à estampa em 2010. Três anos volvidos, outras iniciativas viram a luz do dia: a colectânea *Historiografias Portuguesa e Brasileira do Século XX Olhares Cruzados*, dirigida por João Paulo Avelãs Nunes e Américo Freire; *Problemática do Saber Histórico Guia de Estudo*, da autoria de Margarida Sobral Neto; *Antiquarismo e História: para a História da Historiografia*

(séculos XVII-XXI), de António de Oliveira (conjunto de artigos onde a erudição a problematização marcam presença, com especial destaque para historiografia local), *A Crise da História e as suas novas directrizes*, de Vitorino Magalhães Godinho (terceira edição, acrescida de um posfácio, novidade face às anteriores de 1946 e 1971), e a obra em vertente análise.

Ao longo de *Para que serve a História?* o autor refere-se a Magalhães Godinho como um historiador fundamental na Historiografia Portuguesa do século XX, destacando-o como o mais importante a nível nacional em Novecentos, evidenciando Marc Bloch no plano europeu. *Para que serve a História?* é um título desafiante e perturbador. Parte de uma interrogação que Ramada Curto retoma, na esteira da pergunta endereçada pelo filho de Marc Bloch ao seu progenitor, e que serve de mote ao professor da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (e investigador do Centro de Estudos Sociais da mesma instituição, onde coordena o grupo *Modernidade Portuguesa e Sociologia Histórica Comparada*) para reflectir sobre as práticas e os estatutos da história no conspecto das Ciências Sociais e Humanas. *Para que serve a história?* constitui uma recolha de estudos de proveniências e finalidades distintas. Existe, todavia, em nosso entender, um fio condutor implícito, e que converge para a recusa de uma ideologia neoliberal e da sua disseminação num campo cultural alegadamente monopolizado por uma certa ideia de Universidade.

Na introdução ao trabalho em consideração, o historiador elege a recusa das *lições da história* como ideia orientadora, traçando dois objectivos conexos: a intervenção cidadã para além dos limites da academia e o cruzamento da reflexão sobre as condições do exercício do ofício de historiador em

Portugal com a eleição de temáticas que as evidenciem, como: *a história do império, a escrita das biografias, da nação à história dos intelectuais e das ciências sociais* (p.16). O autor demonstra duas preocupações no texto introdutório. A primeira prende-se com a retoma da ligação entre a História e as Ciências Sociais, da qual Godinho e Alfredo Margarido foram dois dos principais cultores, desde meados do século XX. A segunda radica na necessidade de contacto com as fontes, sublinhando-se o gosto pelos arquivos (p.17).

Os artigos escolhidos foram maioritariamente publicados nos jornais *Público* e *Expresso* e neles assoma uma reflexão sobre a crise na e da actualidade. A obra *Para que Serve a História?*, desde o primeiro andamento (pp.19-68), materializa, em diferentes momentos, uma concepção aberta das Ciências Sociais, de modo a ultrapassar bloqueios: a *secular* e crítica da separação entre teoria e prática ou a existência de uma Universidade apostada num ensino no qual emerge a figura do professor-burocrata.

No bloco intitulado *Intelectuais e Historiadores* (pp.69-110), o historiador confere relevância a alguns dos clássicos da sociologia (que não referiremos aqui) para se superar o alegado exclusivismo económico. O intelectual alerta, também, para os perigos daquilo a que Bourdieu chama *ilusão biográfica*. Aliás, nota-se a sua influência na designação e no conteúdo do terceiro andamento

Em *Campo cultural e ensino* (pp.111-140), Ramada Curto crítica de novo as Universidades, quando estas actuam, na actualidade, em Portugal, maioritariamente, como instâncias monopolizadoras e estigmatizantes da criatividade, acarretando a substituição dos livros pelos artigos dispersos, em favor de uma lógica de saber fragmentária.

No que respeita ao quarto núcleo apontado (pp. 141-198), o autor escreve vários ensaios, destacando-se, em nosso entender, a preocupação com a historiografia dos Descobrimentos e do Império e o posicionamento na polémica entre Manuel Loff e Rui Ramos. Em relação a esta, o historiador revela sensatez e evita julgamentos sumários, reconhecendo mérito na publicação da *História de Portugal*, dirigida por este último, mas também por Bernardo Vasconcelos e Sousa e Nuno Gonçalo Monteiro, não deixa de apontar discordâncias devidamente fundamentadas em relação a alguns aspectos particulares da obra. Quanto à Historiografia dos Descobrimentos e do Império, Ramada Curto enjeita o nacionalismo *comemoracionista*, pugnando por uma história global, de pendor sociológico, baseada na geografia, na sociedade e economia, na linha de Vitorino Magalhães Godinho.

Por fim, no quinto núcleo (pp.199-227), o historiador faz a recensão de biografias recentes e, a partir delas, percebe-se que desvaloriza a concentração no *tempo curto* e nos percursos exclusivamente individuais que carecem, sempre, de uma perspectiva social mais alargada.

Depois da publicação de *Para que Serve História?*, ainda em 2013, o autor voltou a demonstrar preocupações que o ocuparam desde antes desta obra e que nela receberam acolhimento. Atente-se numa crónica, publicada também no jornal *Público*, cujo título constitui uma paráfrase parcelar à interrogação de Bloch e ao trabalho homónimo analisado nesta recensão. Trata-se de *Para que servem os intelectuais?*

Quanto ao conteúdo da crónica, o autor aproveitou a presença em Lisboa, em três ocasiões distintas, de Stefan Collini, Dorothy Ross e Jurgen Habermas, cujos percursos intelectuais manifestam

duas qualidades defendidas por Ramada Curto. Sendo académicos reflectem sobre a Universidade, rompendo igualmente com a tradicional não intromissão da academia nas questões mais prementes da actualidade, que envolvem o ensino, a investigação, mas também a política e a responsabilidade social, a mesma que Ramada Curto exerce, ao denunciar, já em 2014, as políticas da FCT no tocante à atribuição de bolsas a cinco anos, criticando os critérios quantitativistas e produtivistas que pusera em causa na obra *Para que Serve a História?*.

Na edição do jornal *Público* de 13 de Dezembro de 2014, o autor elabora um comentário crítico a uma obra colectiva, dada à estampa pouco tempo antes pela editora *Unipop*, a colectânea *Pensamento crítico Contemporâneo*. Este comentário prolonga alguns tópicos presentes em *Para que serve a História*, canalizando-os para a obra colectiva referida, visada pelo facto de, alegadamente, interpretar de modo discutível algumas ideias de Foucault, alinhando, ao contrário deste, pela suposta desconsideração do tempo longo.

*Para que serve a História?* constitui uma iniciativa relevante a diversos níveis. Em primeiro lugar, não é muito comum a reflexão de um historiador sobre o seu ofício na primeira pessoa, sem uma natureza estritamente, ou em primeira instância, *ego-histórica*, mas preocupada em avaliar a situação actual, tendo em conta a história das Ciências Sociais e Humanas nas últimas décadas. Por outro lado, o historiador evita e afronta o alegado conformismo e o comodismo de alguns intelectuais que, como ele, ensinam nas Universidades, numa posição que, na sua geração, é relativamente confortável, apesar da conjuntura, não hesitando em apoiar as gerações mais jovens, que se encontram em situações potencialmente frágeis. No

entanto, o alegado *atraso historiográfico português* é um tema controverso e configura uma intuição interessante, mas poderá, em ocasiões futuras, ser mais pormenorizado.

Uma pesquisa efectuada através de motores de busca na Internet, e, por isso, *assistemática* e *impressionista*, mas bem-intencionada, sujeita a confirmações e ao exercício do contraditório, demonstra que uma obra como esta, que interpela directamente os historiadores e os cientistas sociais, mas também os cidadãos, teve escassas reacções por escrito (como o prefácio de Ângela Alonso), confirmando que a Universidade permanece, em muitos casos indiferente à *esfera pública*. A situação é particularmente sensível no que concerne à História e Ciências Sociais. No entanto, recentemente, Luís Reis Torgal publicou *História. Que História? Notas críticas de um historiador*, onde debate o *atraso historiográfico português*, problematizando-o e referindo-se amiúde a Ramada Curto. Este debruça-se sobretudo sobre a *esfera pública* em *Para que serve a História?*, sem se preocupar em defini-la teoricamente, não a comparando com *espaço público e opinião pública*.

Nuno Bessa Moreira  
CITCEM, FLUP

Email: knunoclio@gmail.com

[http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622\\_15\\_15](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8622_15_15)